

Autobiografia Ambiental como estratégia para incentivar o vínculo estudante-ambiente.

Gleice Azambuja Elali (1); José Q. Pinheiro (2).

Grupo de Estudos Inter-Relações Pessoa-Ambiente, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

(1) Profa. Dra., Departamento de Arquitetura e Urbanismo

(2) Prof. Dr., Departamento de Psicologia

RESUMO

A compreensão dos laços afetivos e cognitivos pessoa-ambiente formados em nossa vivência ambiental é fundamental para o entendimento de nossas atitudes/comportamentos para com o meio e da formação da identidade pessoal/grupal. Um modo de facilitar a reflexão sobre esses vínculos é a elaboração da autobiografia ambiental do indivíduo, texto cujo principal foco é colocado nas suas experiências ambientais, se diferenciando de outras autobiografias por dar menor atenção a datas, nomes de pessoas e detalhes semelhantes, em favor da maior ênfase na descrição de lugares que o “marcaram” e dos sentimentos a eles relacionados. Essa tarefa permite o afloramento de temas/sensações de interesse da pessoa, podendo envolver atividades verbais (relatos orais e escritos) e não-verbais (desenhos, pinturas, colagens). Desde 1990 temos utilizado a autobiografia ambiental em nossas atividades didáticas com universitários nos cursos de graduação e pós-graduação em psicologia e em arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Os estudantes produzem textos com duas a dez páginas, escritos em prosa (poucos fazem versos) e em linguagem coloquial, geralmente contendo em torno de cinco fatos considerados significativos pelo autor. Estruturalmente a maioria dessas narrativas é linear no tempo, embora também encontremos relatos temporalmente invertidos, indefinidos (caóticos) ou com perspectiva futura (raros). Fortemente embasados nos sentidos (sobretudo visão), os participantes relatam acontecimentos em espaços externos e comentam férias e/ou momentos de descontinuidade/alteração na vida cotidiana (como mudança de moradia ou status social da família). Os textos costumam expor momentos agradáveis e sentimentos de tranquilidade/segurança/bem-estar, havendo poucas referências a experiências/sensações desagradáveis, e sentimentos de medo/tristeza/mal-estar. Entre os elementos da natureza presentes, destacam-se: vegetação (sobretudo árvores), animais (desde mamíferos domésticos até diferentes/exóticos/selvagens/curiosos) e elementos como água e terra. O ambiente construído mais citado é a moradia: a própria casa (quer tenha sido sempre a mesma, ou não) ou a de avós. O gênero do autor aparenta diferenciar as narrativas. As mulheres mencionam mais frequentemente que os homens elementos ligados ao tato e temperatura, animais e vegetação, especialmente frutas/verduras e árvores (sobretudo frutíferas). Enquanto ferramenta de ensino, as autobiografias ambientais incentivam os estudantes a: olhar retrospectiva e diferentemente para suas vivências; resgatar locais significativos do seu passado; desenvolver senso crítico sobre preferências e valores ambientais; compreender algumas de suas escolhas, inclusive profissionais. Não é incomum que, ao final do exercício, surjam comentários que explicitam a conscientização/constatação de que cada um carrega em si um pouco do ambiente já vivido.

PALAVRAS-CHAVE

Autobiografia ambiental; relações pessoa-ambiente; atividade didática.

INTRODUÇÃO

Significativa parte do desenvolvimento humano (individualmente e como espécie) tem ligação com nossa experiência ambiental. Essa vivência está relacionada com as condições de apropriação dos ambientes pelos seus usuários, e influencia inúmeros aspectos relativos às nossas atitudes e comportamentos tais como, entre outros, a formação da nossa identidade individual e grupal, e o modo como agimos com relação aos locais aonde vivemos (em última instância, o próprio planeta Terra). Apesar dessa evidente importância da experiência humana no e com o meio, os componentes afetivos e cognitivos que ligam homens/mulheres ao ambiente ainda são pouco estudados, o que, provavelmente, ocorre tanto em função da sua grande diversidade quanto da subjetividade inerente à percepção ambiental. Sendo a percepção ambiental um dos principais temas estudados pela Psicologia Ambiental, tem crescido o interesse dos pesquisadores dessa área pela compreensão dos laços afetivos e cognitivos que se formam entre pessoa e ambiente, uma vez que as experiências ambientais vivenciadas pelos indivíduos aparentam ser uma “porta-de-entrada” para o entendimento de suas atitudes e comportamentos com relação o meio.

As autobiografias ambientais, textos escritos em primeira pessoa de modo a ressaltar as experiências ambientais do narrador, se encontram entre os diversos modos de investigação dos laços entre pessoa e ambiente. Desde 1990 temos utilizado sistematicamente esse recurso no contexto acadêmico, especialmente nos cursos de graduação e de pós-graduação em psicologia e em arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a fim de incentivar a compreensão dos vínculos dos estudantes com o meio no qual estão (ou estiveram) inseridos. De um modo geral, constatamos a importância dessa prática como uma maneira de promover a emergência de informações sobre as bases afetivas e cognitivas da experiência ambiental dos participantes.

Esse artigo tem o objetivo de apresentar sucintamente nossa experiência, sendo desenvolvido em três itens principais: o primeiro corresponde a uma rápida apresentação da base teórico-conceitual utilizada, o segundo esclarece o método empregado em nossa atividade didática, e o terceiro apresenta alguns dos resultados do trabalho realizado.

BREVE EMBASAMENTO TÉORICO-CONCEITUAL

Como podemos constatar a partir dos muitos tópicos desenvolvidos no III CIPA, a elaboração de autobiografias tem se mostrado útil em várias áreas de conhecimento, sobretudo nas ciências humanas e nas ciências sociais aplicadas. No campo da Psicologia, a produção desse tipo de relato tem como objetivo auxiliar a explicitação das relações da pessoa com as várias situações da vida cotidiana (LAWTON 1987; RUBINSTEIN & PARMELLE, 1992; LEE,

UHLEMANN & BARAK, 1999; BANYARD, 2000), as quais embora nem sempre estejam evidentes para os envolvidos, se mostram importantes para a adequada compreensão de sua experiência de vida (ou de algum tópico em estudo naquele momento). Especificamente na esfera da Psicologia Ambiental tem sido desenvolvida a prática de elaboração da autobiografia ambiental, “uma história pessoal que inclui o ambiente como o principal ator no conjunto dos personagens, constituindo um processo através do qual as pessoas se põem em contato com suas próprias memórias dos lugares experienciados durante a vida” (Pinheiro, 1998).

Explorando aspectos cognitivos e afetivos da relação pessoa-ambiente, tal tipo de autobiografia torna-se diferente de outras modalidades justamente por valorizar a descrição de lugares importantes para o participante e os sentimentos relacionados a eles, em detrimento de aspectos como datas e nomes de pessoas (ênfatisados em outros tipos de produção). Dependendo da pessoa que está realizando a tarefa, sua elaboração pode abarcar atividades verbais (relatos orais e escritos) e/ou não-verbais (desenho, pintura, colagem, etc.), propiciando ao indivíduo uma oportunidade para descrever livremente sua experiência ambiental. Por isso, a elaboração de autobiografias ambientais supera barreiras instrumentais existentes em técnicas mais estruturadas ou sofisticadas de coleta de dados (como o questionário, a confecção de mapas cognitivos e a observação comportamental, entre outras), uma vez que, o indivíduo é estimulado a contemplar a si mesmo (o self), o mundo e as relações entre estes dois fatores, a partir do seu próprio ponto de vista e utilizando quaisquer recursos de linguagem que estejam a sua disposição na situação. Assim, em situações de pesquisa, se for comparada a outros métodos/técnicas de investigação, a liberdade de ação propiciada pela autobiografia ambiental tem como vantagem permitir o afloramento de temas de especial interesse para o indivíduo (o que pode não ocorrer em situações mais estruturadas) e como desvantagem a redução das possibilidades de comparação direta das informações coletadas e de tratamento quantitativo dos dados, pois quanto mais diferenciado for o modo da pessoa exprimir-se, mais difícil se tornará a decodificação do material coletado pelo pesquisador.

De modo geral, a produção de uma autobiografia ambiental exige que o indivíduo realize um esforço mental para a elaboração de um relato centrado na história de suas relações com o meio ambiente, de modo que, além de refletir sobre sua trajetória de vida, é imprescindível que o participante tenha alguma prática na produção textual, a fim de estabelecer um modo adequado para comunicar esse processo de interação através da definição de um roteiro a seguir e da tomada de decisões com relação aos acontecimentos a serem ressaltados no documento ou suprimidos do mesmo.

A literatura indica que a solicitação desse esforço introspectivo do indivíduo implica graus variados de aceitação, de modo que, embora muitas pessoas participem entusiasticamente da

experiência, há quem simplesmente não o faça (se recuse a fazê-lo, ou tente, mas não consiga se concentrar), e aqueles que questionam a atividade, resistindo à ela. Para reduzir tais resistências/dificuldades, alguns autores da área têm proposto modos para incentivar a explicitação do vínculo afetivo da pessoa com os ambientes vivenciados por ela, dentre as quais destacamos as técnicas da resposta subjetiva e da viagem imaginária. A resposta subjetiva tem sido utilizada na prática docente de Robert Bechtel (1991), consistindo em solicitar ao estudante a escolha um ambiente qualquer para escrever um ensaio sobre seus sentimentos a respeito daquele local. O autor relata que geralmente o emocional fica ausente dos primeiros relatos (sendo comum que o instrutor devolva o trabalho com indicações para que seja refeito), dificuldade atribuída a: (i) o aluno sentir que não é simples acessar suas respostas emocionais ao ambiente, uma vez que não dispõe de mecanismos que facilitem a tarefa e não foi treinado para ter consciência de suas reações afetivas ao entorno físico; (ii) o desafio de elaborar um relato verbal formal que comunique eficientemente tais sensações (geralmente confusas), sobretudo sabendo que o mesmo será avaliado pelo instrutor (PINHEIRO, 1998). Apesar dessas considerações, ao aluno em contato direto com suas emoções ambientais, tal técnica mostra-se adequada a uma primeira aproximação com o tema. Bechtel (1991) indica que, uma das táticas mais empregadas pelos estudantes para desenvolvimento desse exercício é a associação entre ambientes vivenciados no presente e no passado, sobretudo na infância. Recorrer a essa “criança” facilita a realização da tarefa, pois o aparato perceptivo do estudante é “liberado” para observar aspectos mais subjetivos do meio. Por sua vez, a viagem imaginária (fantasy trip) é um exercício de imaginação feito de olhos fechados e necessariamente orientado por um condutor. Desenvolvida por Claire Cooper-Marcus (1979; 1992), tal técnica tem como base um roteiro que orienta um contato retrospectivo do indivíduo com sua “criança-interior”, cujo objetivo é explorar alguns aspectos dos ambientes presentes em suas lembranças da infância. Em seus vários trabalhos a respeito, a autora relata que, embora não impeça que os mais resistentes evitem o exercício, a “viagem” costuma reduzir a ansiedade das pessoas que têm alguma dificuldade de introspecção, se mostrando um importante facilitador do processo de reconhecimento das relações afetivas pessoa-ambiente.

NOSSA ESTRATÉGIA DE TRABALHO

Desde 1990 temos utilizado a autobiografia ambiental em atividades didáticas com universitários dos cursos de Psicologia e de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), visando estimular o interesse dos estudantes pela problemática ambiental, e de maneira a evidenciar o quanto ela está intrinsecamente relacionada ao seu cotidiano (ELALI & PINHEIRO, 2007).

Nossa experiência tem mostrado a “viagem imaginária” como um excelente eliciador do processo introspectivo essencial à elaboração das autobiografias, sobretudo ao considerarmos

a dificuldade de alguns dos envolvidos, geralmente jovens com idade entre 20 e 25 anos. Assim, ao longo dos anos essa estratégia se consolidou como primeiro passo do processo de elaboração da autobiografia de cada estudante, correspondendo a um “mecanismo de disparo” que antecede a solicitação do texto escrito.

Concluída fase inicial do exercício (a chamada “viagem”), passamos a uma sessão livre de comentários sobre a vivência, na qual os participantes são estimulados a conversar sobre a atividade e as situações imaginadas a partir das indicações do facilitador. Nesse momento, incentivamos a socialização das informações, valorizamos os sentimentos topofílicos emergentes (TUAN, 1980, 1983, 1999) e começamos a trabalhar aspectos sensoriais que poderão ser retomados na continuidade dos trabalhos. Nesse momento, verificamos que a maioria dos participantes afirma gostar da atividade, vários dos quais mostrando-se surpresos por terem feito descobertas inesperadas sobre si mesmos ou lembrado algum detalhe do ambiente que pensavam ter sido esquecido. Além disso, fazemos questão de esclarecer que esta não é uma situação que corresponda a “acertos e erros” e, portanto, tal exercício não será passível de avaliação por notas. Tal ressalva tem como meta reduzir a preocupação dos estudantes com relação à continuidade do processo, diminuindo sua expectativa com relação à fase escrita.

Entre a vivência e sua discussão, é comum indicarmos que os participantes elaborem anotações rápidas (em forma escrita ou gráfica). Estabelecemos, assim, uma fase de transição entre a fantasia e a realidade que denominamos “tempo de descompressão”, e que costuma ser bastante valorizado e produtivo, sobretudo quando envolve pessoas habituadas a desenhar. Não solicitamos a entrega do produto obtido nessa ocasião, ficando a critério de cada pessoa mostrar (ou não) o material aos demais, ou usá-lo na etapa seguinte. Concluída a sessão de comentários, é solicitado aos estudantes que elaborem sua autobiografia ambiental, um texto a ser produzido ao longo da semana (deve ser entregue na aula seguinte) e com extensão prevista em torno de cinco (05) páginas. Consideramos que tais limites são essenciais para que a pessoa pense e organize suas idéias, além de indicarem que não esperamos um trabalho monográfico excessivamente elaborado. Finalmente, após a entrega dos textos e sua leitura pelos professores/facilitadores, parte do material produzido é retomado, servindo como elemento de discussão em aulas relativas a temas como apego ao lugar (place attachment - ALTMAN & LOW, 1992; GIULIANI, 2004) e comportamento sócio-espacial humano.

RESULTADOS

Alguns dos resultados obtidos em nossas pesquisas (ELALI, 2003a e 2003b; ELALI & PINHEIRO, 2008) e que se repetem nos trabalhos com os estudantes, corroboram preceitos

gerais sobre experiências ambientais humanas presentes na literatura da área de Psicologia Ambiental, entre os quais destacamos:

- a percepção de diferenças entre situações ambientais semelhantes (o que ocorre ao analisar-se um mesmo espaço em tempos diferentes, ou espaços semelhantes em um mesmo momento), confirmando que as pessoas costumam não estar conscientes do ambiente em suas vidas (ITTELSON, PROSHANSKY, RIVLIN & WINKEL, 1974), só notando sua presença quando o meio as incomoda ou em momentos que se mostrem diferenciados;
- grande valorização de experiências em espaços externos;
- ênfase para a descrição de situações de férias e outros momentos de descontinuidade na vida cotidiana, como oportunidades para lazer, para maior convivência familiar e/ou para alívio de stress;
- importância da habitação na história de vida dos indivíduos, sendo a moradia (parte interna da casa e/ou sua área externa e locais próximos a ela) o ambiente construído mais citado nas autobiografias, sobretudo no que diz respeito às casas que a pessoa morou ou a cada de avós;
- menção de situações de mudança, como novo local de moradia e alteração de status social da família, independentemente do caráter favorável ou desfavorável que pudessem ter tais experiências.

Analisando os textos produzidos pelos estudantes, também é possível observar algumas tendências gerais relacionados aos elementos textuais, à estrutura temporal das narrativas e aos principais temas enfocados.

No que se refere aos elementos que os compõem, notamos que os textos analisados:

- não são muito longos (têm entre duas e dez páginas), porém são densos, raramente contendo menos que 5 fatos considerados significativos para o autor.
- na sua maior parte são escritos em prosa, embora alguns dos participantes façam versos (poucos) e/ou desenhem entre as linhas ou na lateral das páginas.
- são elaborados em linguagem coloquial, recurso que aproxima o leitor/pesquisador daquele que escreve, facilitando a análise.
- geralmente são escritos em primeira (1ª) pessoa, conforme solicitado inicialmente, embora algumas pessoas (cerca de dez por cento) optem por escrever em terceira (3ª) pessoa.

Em termos de sua estrutura temporal, as narrativas são elaboradas a partir de uma dentre quatro alternativas:

- linear no tempo (o tipo mais comum): o participante relata suas vivências iniciando de um ponto no passado (seu nascimento ou um ponto da infância) e prosseguindo até o presente.
- invertida no tempo: a narrativa começa no presente e segue em direção a algum momento do passado.
- indefinida ou caótica: a estratégia escolhida pelo autor não respeita o tempo cronológico, pois

o texto é estruturado em função de outro(s) ponto(s) de interesse, como, por exemplo, brincadeiras preferidas, situações que o entusiasmaram, momentos de medo, etc..

- com indicação de futuro: a pessoa se preocupa em fazer elucubrações sobre o futuro, tais como locais aonde deseja ir ou pretende morar, entre outros, o que, no entanto, é bastante raro (aproximadamente dois por cento dos relatos).

Finalmente, no decorrer dos textos os temas mais trabalhados costumam agrupar-se em torno de seis tópicos principais:

- trajetória de vida do autor, muitas vezes envolvendo a sua saída de áreas rurais ou do interior para cidades maiores, ou a mudança entre várias localidades.
- detalhes da sua infância e adolescência.
- laços familiares, principalmente no que se refere a pais e avós.
- indicação de parentes (sobretudo tios, primos) e amigos (presentes em cerca de um terço dos textos).
- elementos da natureza com destaque para a vegetação (sobretudo árvores), os animais (especialmente os mamíferos domésticos e aqueles diferentes/exóticos ou selvagens, citados como curiosidades), a presença de água e de terra.
- exploração dos sentidos enquanto importantes vias de acesso para a conscientização da influência e presença do ambiente em nossa vida (Pinto & Elali, 2003). A visão é o sentido mais mencionado, confirmando que a maior parte da nossa percepção ambiental tem origem visual (sobretudo quando as pessoas que não têm problemas significativos nessa área). Os gostos e odores (paladar o olfato) derivados do ambiente também se apresentam como poderosos eliciadores de lembranças ambientais, enquanto o tato é o sentido menos comentado (mais citado com relação à percepção da temperatura e da ação climática do que em termos de texturas e formas).

Refletindo o fato de, em geral, as pessoas terem dificuldade de falar sobre situações difíceis, a maior parte dos textos relatam momentos agradáveis e sentimentos de tranquilidade, segurança e bem-estar, sendo encontradas relativamente poucas narrativas que fazem referência a experiências e sensações desagradáveis, e sentimentos de medo, mal-estar ou tristeza.

Também é interessante mencionar que, sendo uma situação em que a idade e o nível de escolaridade dos participantes é controlado (jovens estudantes universitários), de modo geral o gênero e a procedência dos participantes têm se mostrado elementos que diferenciam as narrativas, sobretudo em termos dos elementos presentes nelas.

Tato e temperatura, por exemplo, são mais citados por mulheres do que por homens. Elas também fazem mais referência a animais e vegetação, sobretudo frutas/verduras e árvores (especialmente as frutíferas). Enquanto isso, nos textos produzidos pelos homens há maior

menção de elementos naturais (como mar, areia/terra e montanhas) e de sensações auditivas. Por sua vez, a procedência dos participantes parece refletir-se no tipo de trajetória mencionado por eles nas autobiografias (rural-urbano X urbano-urbano). Além das questões relativas à adaptação ao meio urbano, verificamos alguma tendência com relação à maior valorização dos vários momentos do ciclo natural (como plantio e colheita) por pessoas vindas do interior e de áreas agrícolas, e a ênfase no aumento crescente dos problemas urbanos (como o aumento da densidade e da área construída nos bairros, os perigos do trânsito e a constatação da insegurança crescente) indicado/vivenciado por pessoas que nasceram e viveram em grandes cidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências experienciadas pelos participantes de nossas disciplinas e os principais elementos de conteúdo presentes nas autobiografias ambientais elaboradas por estes estudantes universitários corroboram as indicações da literatura na área, evidenciando a importância e a validade de aplicação da técnica em pesquisas na área das relações pessoa-ambiente, bem como a possibilidade de sua aplicação em outros campos do conhecimento. Obviamente, seu valor pode ser potencializado em situações em que tal estratégia seja associada a outros métodos (tais como questionários, entrevistas e uso de escalas), permitindo triangulações que viam a aprofundar os conhecimentos adquiridos, aumentando a confiabilidade dos resultados e a compreensão dos fenômenos investigados.

No que se refere ao uso de autobiografias enquanto ferramenta didática, indicamos como aspectos fundamentais, possibilitar que os estudantes:

- passem a olhar para suas vivências de modo diferenciado, resgatando locais significativos do seu passado;
- desenvolvam maior senso crítico sobre suas próprias preferências e valores ambientais;
- compreendam algumas de suas escolhas, inclusive em termos profissionais e com relação a temas recorrentes em sua futura atividade.

Saliente-se, ainda, não ser incomum que, ao final do exercício, surjam comentários que explicitam a conscientização de que cada um carrega em si um pouco do ambiente já vivido. Tal constatação demonstra que uma maior aproximação entre os estudantes e a questão ambiental possibilitará que esta possa passar a ser entendida como algo que não está longe ou fora de nós, podendo ser encontrada e se refletir ao redor e dentro de cada pessoa.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, I. & LOW, S. (Orgs.).(1992). *Place Attachment: Human behavior and environment* (v.12). New York: Plenum Press.
- BANYARD, V. L. (2000). Using first-person accounts to teach students about psychological disorders. *US: Teaching of Psychology*, 27, 40-43.
- BECHTEL, R. B. (1991). *The subjective response to environments*. Manuscrito não-publicado. University of Arizona, Tucson, EUA.
- COOPER-MARCUS, C. (1979). *Environmental autobiography*. Manuscrito não publicado. University of California at Berkeley, Institute of Urban & Regional Development, EUA.
- COOPER-MARCUS, C. (1992) *Environmental memories*. In I. Altman & S.M. Low (Orgs.), *Place attachment* (pp. 87-112). Nova York: Plenum.
- ELALI, G. A. (2003a). “Esse é o meu lugar...” - um estudo das relações afetivas morador-habitação. Projeto de pesquisa não-publicado. Pró-Reitoria de Pesquisa, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- ELALI, G. A. (2003b). *Relações afetivas e de identidade na habitação: elementos ambientais que favorecem a topofilia*. Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq, Brasília.
- ELALI, G. A; PINHEIRO, J. Q. (2007). “O ambiente não está lá fora...” estratégias para aproximar o estudante das questões ambientais. V Congresso Norte-Nordeste de Psicologia (CONPSI), Maceió: CONPSI.
- ELALI, G. A. & PINHEIRO, J. Q. (2008). *Autobiografia ambiental: buscando afetos e cognições da experiência com ambientes*. In J.Q. Pinheiro & H. Gunther (Orgs.). *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*. São Paulo: Casa do Psicólogo. P. 217-252.
- GIULIANI, M. V. (2004). *O lugar do apego nas relações pessoa-ambiente*. In E. Tassara, M. E. P. Rabinovich & M. C. Guedes (Orgs.). *Psicologia e Ambiente*. São Paulo: EDUC.
- ITTELSON, W.; PROSHANSKY, H.; RIVLIN, L.; WINKEL, G. (1974). *An introduction to environmental psychology*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston.
- LAWTON, M. P. (1987). *Methods in environmental research with older people*. In R. B. Bechtel, R. W. Marans, & W. Michelson (Orgs.), *Methods in environmental and behavioral research* (pp. 337-360). Nova York: van Nostrand Reinhold.
- LEE, D. Y., UHLEMANN, M. R., & BARAK, A. (1999). *Effects of diagnostic suggestion on the clinical judgments and real memories of autobiography*. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 18, 35-46.
- PINHEIRO, J. Q. (1998). *Enseñanza de la psicología ambiental: vinculo afectivo del alumno y estrategias para su promoción*. In J. M. Sabucedo, R. García- Mira, E. Ares, & D. Prado (Orgs.), *Libro de Comunicaciones VI Congreso de Psicología Ambiental* (pp. 299-304). A Coruña, Espanha: Universidade da Coruña, Universidade de Santiago de Compostela, Universidade de Vigo.
- PINTO, K. O. R.; ELALI, G. A. (2003). *Autobiografias ambientais e relações afetivas*. Anais do XIV Congresso de Iniciação Científica [CD-Rom]. Natal: UFRN / CNPq.
- RUBINSTEN, R. L.; PARMELEE, P. A. (1992). *Attachment to place and the representation of the life course by the elderly*. In I. Altman & S. M.Low (Orgs.), *Place attachment* (pp. 139-163). Nova York: Plenum.

TUAN, Yi-fu (1980). Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL.

TUAN, Yi-fu (1983). Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL.

TUAN, Yi-fu (1999). Who am I? An autobiography of emotion, mind and spirit. Madison, WI: University of Wisconsin Press.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).